

EDUCAÇÃO, SOCIALIZAÇÃO E IDENTIDADE ÉTNICA NAS PEÇAS TEATRAIS DE MARIE FAULHABER

EDUCATION, SOCIALIZATION AND ETHNIC IDENTITY IN THE PLAYS OF MARIE FAULHABER




<https://doi.org/10.22228/rtf.v17i1.1354>

Rosane Marcia Neumann

 Universidade do Planalto Catarinense

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5203-5086>

 E-mail: rosaneneumann@gmail.com

Resumo: O presente estudo segue os vestígios da produção literária de Marie Faulhaber (1867-1939), uma imigrante alemã, que chegou ao Sul do Brasil em 1902, acompanhada do marido, o pastor protestante Hermann Faulhaber. Professora de formação, dedicou-se à educação e a escrita de peças de teatro, nas quais a colônia, os colonos e o seu cotidiano figuram como cenário, com o intuito de propiciar aos seus expectadores momentos de sociabilidade, cultura e educação, contribuindo na construção e (re)atualização da identidade étnica alemã.

Palavras-chaves: Migrações; Educação; Marie Faulhaber.

Abstract: This study follows the traces of the literary production of Marie Faulhaber (1867-1939), a German immigrant who arrived in southern Brazil in 1902, accompanied by her husband, the Protestant pastor Hermann Faulhaber. A teacher by training, she dedicated herself to education and to writing plays in which the colony, the settlers and their daily lives were the backdrop, with the aim of providing her spectators with moments of sociability, culture and education, contributing to the construction and (re)updating of German ethnic identity.

Keywords: Migrations; Education; Marie Faulhaber.

Introdução

A invisibilidade da mulher nas artes é histórica: até finais do século XIX, são comuns as obras não assinadas, o uso de pseudônimos, o olhar de estranhamento frente a mulheres que queriam ganhar as ruas e viver do seu talento; isso sem falar nas milhares de mulheres artesãs anônimas. A mulher, enquanto artista, depositária de saberes e fazeres, está presente nas diferentes épocas e sociedades, mas o seu trabalho, em geral, permanece circunscrito ao universo privado, legado ao esquecimento.

Nesse rol de mulheres artistas olvidadas, está a imigrante alemã Marie Faulhaber, educadora que produziu no campo da literatura poesias e peças teatrais. Da sua produção, estão acessíveis e públicas sete peças de teatro, escritas em língua alemã e impressas em letra gótica, em formato de livreto, entre 1932 e 1935. As peças abordam o cotidiano de uma colônia fictícia de imigrantes alemães e as famílias de colonos que interagem com/nesse espaço em construção, no tempo presente da autora, isto é, no início do século passado. Do seu lugar de fala, Marie Faulhaber empenhou-se na preservação e reatualização da germanidade e da identidade étnica nos espaços sociais e culturais privilegiados da época: a escola e a igreja. Hoje, esse material é documento de arquivo e fonte para pesquisa histórica e literária, dada sua raridade e seu potencial como retrato datado de uma época, pois “o momento da feitura do texto torna-se essencial para o entendimento das ações narradas, sejam elas acontecidas ou não”.¹ O acesso às obras é público, mas a língua alemã limita a leitura, contribuindo para seu esquecimento.

Os escritos literários de Marie Faulhaber fornecem elementos para aproximar-se do cotidiano de uma colônia e as emoções e angústias dos seus colonos. Conforme Ottmar Ette,

não há acesso melhor e mais complexo à humanidade, à sociedade e à cultura que a literatura. Pois acumulou um saber da vida, da sobrevivência e da convivência nas mais diversas áreas geoculturais ao longo de milênios, especializou-se em não estar especializada nem discursiva, nem disciplinarmente, nem tampouco em ser um dispositivo especializado do saber. A faculdade de oferecer aos leitores e leitoras seu saber como um saber sobre a experiência que, passo a passo, podem repetir e reviver ou, além disso, de que podem se apropriar revivificando-o (*Nacherleben*) permite à literatura chegar aos homens atravessando grandes distâncias espaciais e temporais, sem deixar ao mesmo tempo, de ser eficaz.²

Para Terry Eagleton, a literatura é uma escrita altamente valorizada, mas “não existe uma obra ou tradição literária que se valorize em si”, uma vez que o valor é “um termo transitivo: significa tudo aquilo que é considerado como valioso por certas pessoas em situações específicas, de acordo com critérios específicos e à luz de determinados objetivos”. Desse modo, interpretamos as obras literárias conforme as nossas chaves de leitura e os nossos interesses, razão pela qual algumas obras conservam seu valor no decorrer dos séculos, enquanto outras desaparecem. Não obstante, “todas as obras literárias são ‘reescritas’, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as leem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma ‘reescritura’”.³ Importa

¹ PESAVENTO, Sandra J. O mundo como texto: leituras da história e da literatura. *Revista História da Educação*, Pelotas, v. 7, n. 14, p. 31-45, 2003, p. 33.

² ETTE, Ottmar. Em direção a uma poética do movimento: Literaturas sem residência fixa. In. JASINSKI, Isabel (org.). *Literaturas em trânsito, teorias peregrinas*. Curitiba: Ed. UFPR, 2015, p. 280.

³ EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 16; 17.

aqui o mundo do leitor em relação a essa escrita, que pode adquirir novos sentidos. A leitura, para Roger Chartier, é rebelde e vagabunda, e se reatualiza sempre em sentidos, ao longo do tempo e das gerações.⁴

Nessa perspectiva, os enredos, personagens e cenários das peças de Marie Faulhaber, na época de sua escrita, eram familiares àqueles que as encenavam e aos expectadores; carregadas de significados e memórias, reavivavam a nostalgia, os sonhos e desejos. A (re)leitura dessas obras no tempo presente talvez não gere o mesmo impacto, pois as memórias e vivências são outras, porém, funcionam como um retrato dessa sociedade colonial situada em um tempo e espaço no início do século XX.

Para Sandra Pesavento, a História e a Literatura “oferecem o mundo como texto”, uma vez que são narrativas “que respondem às perguntas, expectativas, desejos e temores sobre a realidade”. No sistema de representações sociais e do imaginário, a Literatura e a História têm o seu lugar “como formas ou modalidades discursivas que tem sempre como referência o real, mesmo que seja para negá-lo, ultrapassá-lo ou transfigurá-lo”. A escrita literária, por sua vez, “fala do invisível, do imperceptível, do apenas entrevisto na realidade da vida”, indo além da “realidade sensível, enunciando conceitos e valores”. Logo, a Literatura “é o domínio da metáfora da escrita, da forma alegórica da narrativa que diz sobre a realidade de uma outra forma, para dizer além”.⁵ Sem o compromisso com as fontes e a verdade, a Literatura antecipa o que a História investiga/confirma *dos efeitos às causas*.

No contexto da produção literária, há o dilema teórico de como definir e classificar a obra de imigrantes alemães residentes no Brasil, mas escrita em sua língua materna: é literatura alemã, ou literatura brasileira em língua alemã, ou ainda uma literatura teuto-brasileira. Na concepção de Ottmar Ette, os movimentos migratórios mobiliza(ra)m intensos processos de transculturação e translanguismo que vêm repercutindo nas expressões literárias “sem residência fixa”. Ette propõe a adoção do conceito de “literaturas do mundo” no debate a respeito da produção literária na etapa atual da globalização, atravessada pelo hibridismo e pela convivência de múltiplas lógicas. Tal perspectiva escaparia tanto à chave de interpretação homogeneizadora das literaturas nacionais, quanto ao paradigma eurocêntrico fundado pela noção goethiana de literatura universal. As literaturas-mundo potencializam um olhar global sobre a “realidade representada” e, também, a “representação de uma realidade vivida e vivenciada, vivenciável e, por vezes,

⁴ CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998; CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

⁵ PESAVENTO, Sandra J. *O mundo como texto*. Op. cit., p. 40.

até mesmo revivenciável”. Trata-se de “formas e normas de uma escrita-entre-mundos, que apresenta uma longa tradição histórica, visto que o *homo migrans* é tão antigo quanto o próprio *homo sapiens*”. Entretanto, com as migrações, exílios, deportações e desalojamentos massivos no século XX e, em particular, no contexto da quarta fase de globalização acelerada, “resultaram movimentos migratórios e transmigratórios de massa que criaram, no plano das literaturas do mundo, de forma altamente criativa e inovadora, novos movimentos-espacos do escrever.” Pressupõe-se que a tendência das literaturas sem residência se amplifique no século XXI, diante do cenário de migrações e transmigrações, produzindo formas de escrita literária que não se enquadram mais nas categorias correntes, ancoradas na espacialidade/mapas, construída histórica e culturalmente, “cedendo espaço a literaturas sem residência fixa, seja de natureza translíngue ou transareal”.⁶ Assim,

as literaturas constituem mundos-ilhas e ilhas-mundos, que se juntam em arquipélagos e se encontram em relações de troca entre si, transarquipélago. Por vezes, sob a superfície da água que percorremos tal como na imagem inicial de Khal Torabully, ocultam-se as conexões entre aqueles espaços que, com suas linhas tectônicas de quebra e movimento, tinham sido inundados, outrora, pela maré alta. As discontinuidades entre as ilhas, os arquipélagos e os continentes das literaturas do mundo permitem e possibilitam sempre mudanças de olhar e de perspectivas novas: a cada vez, novas configurações de um mundo que é criado por estas literaturas desde milênios, em contextos transareais em constante mutação. Elas inauguram a possibilidade inestimável, uma vez que fundamental para a sobrevivência, de se pensar multilógicamente – e isso significa: em muitas lógicas, ao mesmo tempo.⁷

Na perspectiva de Ette, as literaturas sem residência, bem como as literaturas do mundo

formam, transversalmente às línguas, transversalmente às culturas, transversalmente às delimitações que de modo algum se diluem, mas de certa maneira se multiplicam, uma escola de pensamento do multilógico e um laboratório para uma convivência para além da exclusão, para além de uma incessante alterização e expulsão. As antigas dicotomias entre uma literatura nacional (pensada de forma homogênea) e uma literatura universal (inventada a partir da Europa) se enfraqueceram muito [...] deram lugar a uma concepção e práxis multilógicas, [...] de muitas literaturas do mundo, simultaneamente, diferentes e divergentes.⁸

Situado o debate, o presente artigo aborda a produção literária de Marie Faulhaber, com o recorte teórico-metodológico circunscrito às peças teatrais autorais. Para dar inteligibilidade ao texto, no primeiro momento apresenta-se Marie Faulhaber no contexto

⁶ ETTE, Ottmar. As literaturas do mundo: condições transculturais e desafios polilógicos de um conceito prospectivo. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de.; ANDRADE, Antonio (Org.). *Translinguismo e poéticas do contemporâneo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019, p. 21-40. p. 26; 34.

⁷ ETTE, Ottmar. *Em direção a uma poética do movimento*. Op. Cit., p. 38.

⁸ ETTE, Ottmar. *As literaturas do mundo*. Op. cit., p. 36.

dos fluxos migratórios para, em seguida, analisar a sua escrita literária como inscrita na literatura-mundo, com enfoque às múltiplas representações da colônia e dos seus sujeitos. Portanto, as peças teatrais, para além de seu valor literário e histórico, propiciaram aos seus expectadores momentos de sociabilidade, cultura e educação, contribuindo na construção e (re)atualização da identidade étnica alemã. Para a presente análise, foram consultados os impressos originais das peças teatrais, em língua alemã, com a tradução livre para a língua vernácula, mantendo, dentro do possível, o sentido da narrativa.

E/imigrar para uma colônia alemã no Sul do Brasil

O movimento de e/i/migração em sua definição contemporânea implica no “processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado”. Trata-se de um movimento populacional “que compreende qualquer deslocação de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desenraizadas e migrantes econômicos”.⁹ Os estudos sobre os deslocamentos migratórios se empenham em responder à pergunta “por que as pessoas migram?”. As respostas, contudo, são múltiplas, mesclando fatores econômicos, sociais, políticos, culturais, religiosos etc. e os estudiosos concentram a discussão no ponto de chegada, acolhimento e integração na sociedade de recepção. O fio condutor desses deslocamentos migratórios estaria ancorado nos fatores de atração e repulsão. Porém, estudos recentes têm sinalizado para migrações transnacionais, com itinerários complexos e multifacetados, questionando as explicações simplistas de causa e efeito. A cultura torna-se central para compreender as mudanças e o reconhecimento da interculturalidade ganha valor como código social do mundo globalizado, admitindo-se cada vez mais a ideia de pluripertencimento.¹⁰ “No decorrer de diferentes tempos e espaços, “migrar como promessa, escolha ou refúgio produziu aprendizagens e, no confronto com o outro, novos modos de ser, compreender e (sobre)viver”.¹¹

Seguindo essa lógica, Giovanni Levi nos provoca a inverter a pergunta: “por que alguns migram, enquanto os outros permanecem?” Ou seja, o que acontece com aqueles que não e/migram? Ambas perguntas trazem intrínseca a complexidade das migrações que, para além dos fatores conjunturais, são atravessadas por fatores subjetivas, visto que se trata de uma decisão/opção do indivíduo ou da família, ou ainda da comunidade da

⁹ OIM. *Glossário Sobre Migração*. Vários autores. Brasília: Organização Internacional para as Migrações, 2009, p. 42.

¹⁰ ELHAJJI, Mohammed. *O intercultural migrante: teorias & análises*. Porto Alegre: Fi, 2023; ESCUDERO, Camila. Os conceitos de transnacionalismo, etnicidade, comunidade diaspórica e interculturalismo nos estudos migratórios: uma proposta de aplicações e abordagens. *Revista Ambivalências*. Sergipe, v. 6 n. 11 p. 110-141, 2018.

¹¹ LUCHESE, Terciane Ângela; BARAUSSE, Alberto. Apresentação História da educação e migrações em perspectiva transnacional, algumas interlocuções teórico-metodológicas. *Educar em Revista*, v. 39, p. e91041, 2023, p. 4.

aldeia, muitas vezes atrelada a cadeias migratórias. A saída de um membro da família ou de um grupo familiar implica na disponibilidade de força de trabalho a ser dispensada e, na outra ponta, na redução do consumo. Já no local de chegada, essa equação se inverte.¹²

Para Chiara Vangelista, é essencial analisar a migração em sua totalidade, ou seja, o processo de emigração no local de partida, o transitar, e os impactos da imigração no lugar de chegada; bem como a transnacionalidade do contexto migrante, a circularidade de muitas migrações e a migração de retorno. Entende que a mobilidade social e espacial do emigrante é uma possibilidade de romper com a sua trajetória, descortinando para si e os seus, um outro futuro. A autora ressalta que na primeira metade do século XX, a emigração e a guerra são as principais oportunidades nas quais as pessoas comuns se motivaram a relatar as suas experiências, em busca da “dignidade histórica de sua própria vivência e a possibilidade de criar nela uma trama, que proporcione sentido a uma existência”.¹³ Mas, quando um sujeito se torna protagonista de uma história ou herói de uma epopeia?

A pessoa comum percebe-se como protagonista de uma narração quando ela tem a ventura, mas sobretudo a coragem, de atuar numa mobilidade espacial. Esta mobilidade espacial é percebida como a capacidade de modificar o curso dos acontecimentos. A literatura grega e o imaginário a ela conexo ensinam-nos que o herói é aquele que rompe ou ultrapassa os confins, o que vai além do horizonte, o que cria uma descontinuidade não só entre espaços, mas inclusive entre o presente e o futuro, para si e para o seu grupo. A mobilidade é então o núcleo, o sentido da narração, o que leva o protagonista para dentro da História.¹⁴

No entanto, há uma diferença essencial entre o herói da literatura clássica e o herói-migrante: para o primeiro, a vitória ou a derrota não diminuem seu caráter heroico; já para o segundo,

o herói o é – então a pessoa comum tem o *direito* à biografia – quando é vencedor, quando o propósito realizado de ultrapassar os confins tem como resultado o bem-estar, a segurança, o prestígio, o reconhecimento social por seu próprio grupo e pelos “outros”. Então, a autobiografia emigrante atinge a legitimidade social, quando a mobilidade espacial produz ou simplesmente une-se com a mobilidade social.¹⁵

Nessa conjuntura, Peter Alheit ressalta que na e/i/migração surge a necessidade de produzir documentos escritos, que permanecem para a posteridade como vestígios de sua passagem. Outros, por sua vez, veem a necessidade de registrar o que viram em diários, relatos de viagem, cartas, livros de memória, escritas literárias (contos, poesia, prosa,

¹² LEVI, Giovanni. Micro-história e história da imigração. In.: VENDRAME, Maíra Ines. et. all. *Micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 246-262.

¹³ VANGELISTA, Chiara. Mobilidade social e espacial como objetos da história. In.: *Simpósio de História da Imigração e Colonização*. Migrações: Mobilidade social e espacial. 19º Simpósio de História da Imigração e Colonização. São Leopoldo: Oikos, 2010, p. 9-24.

¹⁴ *Idem*, p. 14.

¹⁵ *Idem*, p. 15.

cantos), artigos de imprensa etc. A escrita emerge como fio conector entre o local de partida e de chegada, e ainda como espaço de nostalgia e reelaboração do processo migratório. Logo, trata-se de uma escrita produzida no cotidiano, destinada a um público específico – em muitos casos, para o próprio núcleo familiar. De modo geral, os autores desses escritos são letrados, mas não escritores de ofício, mas pessoas que encontraram na escrita um alento para os dias de solidão na nova pátria.¹⁶

Note-se que a trajetória de vida de Marie Faulhaber foi interrompida na Alemanha, quando escolheu e/i/migrar para o Sul do Brasil, agregando-se ao projeto de e/imigração e colonização da Empresa de Colonização Dr. Herrmann Meyer, de propriedade do intelectual e editor alemão Dr. Herrmann Meyer, de Leipzig. A Empresa de Colonização fundou a colônia Neu-Württemberg no território do município de Cruz Alta, na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, em 1898. Como diferencial, o empreendimento se comprometia em oferecer aos imigrantes alemães e colonos teuto-brasileiros assistência religiosa e assistência educacional. No aspecto religioso, articulou a presença esporádica de um padre na colônia, e contratou um pastor protestante – de imediato, formou-se uma comunidade batista, com sua estrutura independente e própria –; e no quesito educacional, construiu um prédio escolar na sede da colônia e contratou professores – já a partir de 1906, havia uma escola pública na sede da colônia, frequentada por crianças nacionais e crianças de origem europeia sem recursos financeiros para frequentar a escola comunitária, que já dominavam a língua vernácula.¹⁷

O projeto de colonização da Colonizadora Meyer foi amplamente apresentado e divulgado nos meios coloniais, emigrantistas, intelectuais e na imprensa alemã, em diferentes lugares e momentos. Hermann Faulhaber e Marie von Reinhardt foram atraídos pela propaganda e a possibilidade de obter um emprego no exterior, e apresentaram-se espontaneamente ao pedagogo Dr. Ernst Kapffs, o idealizador intelectual do projeto, que assinou vários artigos apresentando o Rio Grande do Sul como destino ideal aos emigrantes alemães. O Dr. Kapffs, por sua vez, entusiasmado com o interesse e a disponibilidade de Faulhaber, recomendou-o ao Dr. Meyer.¹⁸ As negociações e trocas de correspondências estenderam-se por longo período. Ao conhecê-lo pessoalmente, em

¹⁶ ALHEIT, Peter. Migração e biografia: aspectos históricos de um relacionamento emocionante. *Revista História: Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 19, n. 2, p. 165- 178, 2019.

¹⁷ NEUMANN, Rosane Marcia. E/imigrações: representações do Sul do Brasil no discurso da intelectualidade alemã (1896-1918). In: *Migrações: fronteiras, territórios e culturas*. São Leopoldo: Oikos, 2022, p. 119-138; NEUMANN, Rosane Marcia. E/imigração e colonização: o Rio Grande do Sul na leitura dos intelectuais alemães americanistas (1896-1914). In: NEUMANN, Rosane Marcia et. all (org.). *Migrações: conectando mundos*. São Leopoldo: Oikos, 2024, p. 550-567.

¹⁸ NEUMANN, Rosane Marcia. *Uma Alemanha em miniatura*. O projeto de imigração e colonização étnico particular da Colonizadora Meyer no Noroeste do Rio Grande do Sul (1897- 1932). São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016.

outubro de 1901, o Dr. Meyer mostrou-se convencido do acerto de sua escolha, pois “ele me deu uma impressão extremamente favorável. Ele ainda é jovem, tem 26 anos, vivo, enérgico e prudente”.¹⁹ Talvez, “é idealista demais, mas, ao mesmo tempo, uma pessoa prática”.²⁰ Por fim, o Teólogo Hermann Faulhaber foi contratado como pastor e professor para atuar na colônia Neu-Württemberg, situada no município de Cruz Alta, região noroeste do Rio Grande do Sul, por um período de 5 anos, a contar de 1º de setembro de 1902.²¹

Na Alemanha, o envio do pastor Faulhaber para o trabalho junto aos alemães no Rio Grande do Sul foi bem recebido, conforme o jornal *Deutsche Post*, de Berlim:

Em 16 de setembro, Sr. Faulhaber, de Württemberg, teólogo, pretende iniciar sua viagem ao Brasil, para assumir o posto de pastor na colônia Neu-Württemberg, do Sr. Dr. Herrmann Meyer. Logo, ele mesmo irá organizar a escola, assumindo o ensino ao lado de sua esposa, filha do württemberger general D. von Reinhardt, formada professora. O Sr. Faulhaber, enquanto atuou como secretário do *Ev. Hauptverein für deutsche Ansiedler und Auswanderer* e como professor na *Kolonialschule* de Witzhausen, já se familiarizou com a situação dos alemães do além-mar e a emigração, assim vai desempenhar sua profissão com essa preparação. No círculo dos simpatizantes da iniciativa das colônias alemãs, o Sr. Faulhaber, com seu realismo, seu sólido caráter pessoal e o seu entusiasmo para o *Deutschtum* no além-mar, se fará notável e será proveitoso. Não só do interesse das colônias do Dr. H. Meyer, mas também e principalmente para a prosperidade cultural do Rio Grande do Sul é de desejar que, nesse posto que irá ocupar na colonização, o homem certo vai estar no lugar certo.²²

A juventude, a origem familiar e o espaço de atuação são alguns elementos para compreender esse desejo de emigrar e trabalhar em prol dos emigrantes alemães no exterior. Antes de deixar o seu país, em 4 de setembro de 1902, Hermann Faulhaber e Marie von Reinhardt se casaram e, na condição de jovem casal, sem filhos, recém-formados, emigraram em função de um contrato de trabalho. O casal Faulhaber chegou em Porto Alegre em 1º de novembro de 1902, seguindo de trem até a estação de Cruz Alta, e de carroça até a colônia Neu-Württemberg, onde chegaram no dia 17 de novembro. O pastor Faulhaber celebrou o primeiro culto no dia 30 de novembro, no Barracão dos Imigrantes, na sede da colônia.²³

¹⁹ Carta privada. Leipzig, 20/10/1901. Herrmann Meyer a Horst Hoffmann, Porto Alegre. Pasta Cartas - Herrmann Meyer a Horst Hoffmann, Caixa 42, Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann Wegermann, Panambi/RS (MAHP).

²⁰ Carta. Leipzig, 24/11/1903. Herrmann Meyer a Alfred Bornmüller, Porto Alegre. Pasta 1 – Cartas de Herrmann Meyer a Alfred Bornmüller, Caixa 43, MAHP.

²¹ Conforme o contrato, o pastor receberia uma remuneração de 4.500 Marcos, pagos a cada 4 meses, no escritório da empresa; passagem paga de ida e volta de vapor, na 2ª classe, direto, de Hamburgo a Rio Grande; uma residência (casa pastoral) na colônia, com dois terrenos no *Stadtplatz*, para horta, galpões etc. e meia colônia (Contrato entre Herrmann Meyer e Hermann Faulhaber, assinado em Leipzig, 19/7/1902. Caixa 31, MAHP).

²² Faulhaber. *Deutsche Post*, 1902 – n. 2405. Nota avulsa. Pasta Transcrição Livro Copiativo 44 – 1901 a 1904, Caixa 109, MAHP.

²³ NEUMANN, Rosane Marcia. *Uma Alemanha em miniatura*. Op. cit.

A trajetória de formação e trabalho do casal Faulhaber foi marcada por movimentos inter-regionais na Alemanha, movidos por oportunidades de formação e trabalho. Marie Reinhardt era filha do Major-General August von Reinhardt e Emilie Widenmann von Reinhardt, residentes na cidade de Cannstatt, em Stuttgart, Sul da Alemanha. Nasceu em 8 de setembro de 1867 em Hohenasperg, na cidade de Ludwigsburg, estado de Württemberg. Na sua formação escolar, frequentou a escola secundária para moças em Ulm, Ludwigsburg e Heilbronn e, nos anos de 1884-1886, o *Lehrerinnenseminar* [Seminário para Professoras] em Stuttgart. Formada professora, trabalhou por um ano na escola particular em Backnang, e permaneceu por um ano na parte francesa da Suíça. Posteriormente, por cinco anos, foi professora no *Prieserei*, uma escola secundária em Stuttgart, até a Páscoa de 1896, quando se transferiu para Tübingen, onde atuou na escola secundária para moças. No mesmo período, com outras mulheres, frequentou a Universidade Tübingen como ouvinte nas disciplinas de História, História da Cultura (ou civilização) e Astronomia, visto que na época ainda era proibido na Alemanha a formação universitária para as mulheres. Marie Faulhaber faleceu em 11 de abril de 1939, na colônia Neu-Württemberg, Rio Grande do Sul, aos 72 anos, vítima de um ataque cardíaco.²⁴

Por sua vez, [Karl] Hermann Faulhaber nasceu em 19 de abril de 1877, em Triensbach, Crailsheim, estado de Württemberg, filho do pastor protestante Hermann Faulhaber e sua esposa Fanny Leiss Faulhaber, residentes em Stettin, Alemanha. Estudou em Stuttgart, concluindo o Ginásio no ano de 1895. De 1º de outubro de 1895 até 30 de setembro de 1896, serviu no Regimento de Infantaria n. 125, do Reino da Prússia. Posteriormente, estudou Teologia na Universidade de Tübingen, onde realizou o primeiro exame de Teologia em março de 1901. Depois, por um ano, foi professor-inspetor na *Deutsche Kolonialschule* e, ao mesmo tempo, administrador do *Evangelischer Hauptverein für deutsche Ansiedler und Auswanderer*, na cidade de Witzhausen, no distrito de Werra-Meißner, em Hesse. Em agosto de 1902, foi ordenado pastor, em Cannstatt, Stuttgart, sob a ordem do Consistório Evangélico de Württemberg. Faleceu em 8 de julho de 1926, em decorrência de suicídio, na colônia Neu-Württemberg, Rio Grande do Sul.²⁵

Note-se que ambos eram suabos (*Schwaben*), de Württemberg, Sul da Alemanha, oriundos de famílias urbanas bem colocadas socialmente: Marie, então com 35 anos, era filha de família militar, enquanto Hermann, 26 anos, era filho de pastor protestante.

²⁴ *Idem*. Sobre a atuação de Marie Faulhaber na colônia Neu-Württemberg, ver: SCHMITT, Denise Verbes. *Sociedade de leitura Hermann Faulhaber: a biblioteca dos imigrantes de "Panambi" /RS (1927-1963)*. Dissertação (Mestrado em História). Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, 2017.

²⁵ NEUMANN, Rosane Marcia. *Uma Alemanha em miniatura*. Op. cit.

Enquanto Marie trabalhava como professora na Alemanha, ao emigrar ao Sul do Brasil, assumiu o papel de “esposa do pastor” ou “*Frau Faulhaber*”, exercendo o magistério e múltiplas atividades na comunidade religiosa, mas sem remuneração nominal. Já Hermann Faulhaber obteve seu primeiro emprego como pastor ordenado e professor na colônia Neu-Württemberg, conforme o contrato já mencionado, de 1º de setembro de 1902, sendo responsável pela fundação e organização da comunidade religiosa protestante, bem como da escola comunitária e toda questão pedagógica concernente. Com o desenvolvimento da colônia e a expansão da rede escolar comunitária, ficaram responsáveis pelo suporte pedagógico.

O casal Faulhaber enquadra-se no rol de imigrantes letrados, com uma formação acadêmica, que e/imigraram para o espaço urbano da colônia, com um contrato de trabalho com prazo determinado e remuneração condizente. Definiam-se como e/imigrantes provisórios, pois que ao findar o contrato, retornariam para sua pátria de origem, isto é, não pretendiam se fixar definitivamente na colônia.²⁶ Assim, ao findar o prazo do contrato, superados vários imprevistos, o casal e seus dois filhos retornaram à Alemanha em 26 de maio de 1908.²⁷ Entretanto, o retorno definitivo à Alemanha não se efetivou: convencido pelo Dr. Herrmann Meyer, Faulhaber renunciou ao pastorado e assumiu a administração da Colonizadora Meyer e a direção da colônia Neu-Württemberg, em 11 de fevereiro de 1909, retornando com a família à colônia em março do mesmo ano, permanecendo nessa função até seu falecimento. Nesse rearranjo, Marie Faulhaber assumiu definitivamente a administração pedagógica da escola comunitária da sede (*Stadtplatzschule*), permanecendo atuante na comunidade protestante.

A trajetória “fazer a América” e retornar para sua *Heimat*/pátria-mãe não se concretizou no caso da família Faulhaber, visto que a e/i/migração por tempo determinado se tornou definitiva. Porém, a provisoriedade ou o sonho do retorno sobressai no fato de não se naturalizarem brasileiros, mantendo-se assim à margem da cidadania e política nacional. Já os filhos do casal concluíram seus estudos na Alemanha, bem como se casaram com alemães natos. Os escritos de Marie Faulhaber, nas suas nuances, carregam o

²⁶ O glossário sobre migrações da OIM define o migrante de curta duração como a “pessoa que se desloca para um país diferente do da sua residência habitual por um período superior a três meses, mas inferior a um ano, exceto nos casos em que a deslocação para esse país tem finalidades recreativas, de férias, de visita de familiares ou amigos, de negócios ou de tratamento médico. Para efeitos de estatísticas migratórias internacionais, considera-se que o país de residência habitual de migrantes de curta duração é o país de destino durante o tempo em que lá se encontram” O migrante de longa duração é a “pessoa que se desloca para um país diferente do seu país de residência habitual, por um período mínimo de um ano, de tal forma que o país de destino se torna efetivamente o seu novo país de residência habitual. Na perspectiva do país de partida, a pessoa será um emigrante permanente e do ponto de vista do país de chegada, a pessoa será um imigrante permanente (OIM. *Glossário Sobre Migração. Op. Cit.* p. 44).

²⁷ O casal Faulhaber teve três filhos: Maria Sofia Faulhaber (6/8/1903), casada com Erich Schild; Walter Faulhaber (12/8/1905), casado com Gerda Irmgard Gudrun Guse e segundas núpcias, com Siegrid Holmquist; e Gertrud Faulhaber (1912), casada com Karl Klemm.

dilema do ser e/imigrante alemão no exterior, instalados em uma colônia alemã, em contato com o *outro*, e a expectativa, nem sempre manifesta, do retorno à pátria-mãe. Terciane Luchese e Alberto Barausse consideram que os e/i/migrantes em terras estrangeiras

são constituídos pelos contatos, pelas apropriações de novas culturas e práticas. Seus processos identitários são forjados entre as experiências e modos de pensar e viver de um país para outro. Eles não se mantêm como saíram. Tornam-se outros. Sujeitos híbridos em seus processos identitários, que recriam as tradições, adaptando-se e reinventando modos de viver, em meio a jogos de poder.²⁸

Deste modo, ao migrar no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, período dos maiores fluxos migratórios transoceânicos Europa-Brasil, esses sujeitos promoveram “transferências culturais, pois ao contatarem outros grupos sociais precisaram negociar sentidos, modos de vida e de pensamento”.²⁹

Entre mundos: as peças teatrais de Marie Faulhaber

Imigrantes de nacionalidade alemã procedentes da Alemanha, Rússia, Polônia, Áustria, somados com migrantes internos das colônias antigas, descendentes de alemães imigrados no século XIX, formaram o mosaico cultural da colônia Neu-Württemberg, cada qual carregando seus costumes e suas tradições. Segundo E. P. Thompson, o costume é um campo para a mudança e a disputa, enquanto a tradição é permanente e transmitida pela tradição oral, em suas narrativas e anedotas; mas mesmo quando impressa, tende a atender às expectativas dessa tradição oral. Os costumes, por vezes, podem transformar-se em regras de conduta de uma comunidade dada, dependendo de sua aceitação e prática.³⁰

Na leitura da Empresa de Colonização Dr. Herrmann Meyer e do casal Faulhaber, era necessário construir na colônia uma identidade de *neu-württemberger*, dentro dos parâmetros de alemães no exterior, negociando costumes e valores entre o local de partida e o de chegada; imigrantes alemães natos oriundos de diferentes regiões da Alemanha e teuto-brasileiros de 2^a, 3^a ou mais gerações, retomando ou mesmo inventando uma tradição comum.³¹ Coube ao binômio pastor-professor a função de manter a germanidade

²⁸ LUCHESE, Terciane Ângela; BARAUSSE, Alberto. Apresentação História da educação e migrações em perspectiva transnacional, algumas interlocuções teórico-metodológicas. Op. cit., p. 5.

²⁹ Idem.

³⁰ THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

³¹ HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Como exemplo de tradição inventada ou reatualizada, cita-se a pretensa religiosidade dos colonos. Os imigrantes e colonos carregavam consigo um modelo de igreja moderna, apegados à religiosidade, mas pouco afeitos a práticas religiosas regradas. Foi tarefa dos religiosos – pastores e padres – trazer essa população novamente para a igreja como instituição, reativando o costume de frequentar as celebrações religiosas. Essa reinvenção de uma tradição religiosa,

na colônia e (re)germanizar os descendentes de alemães já brasileiros, propiciando momentos de vivências germânicas, como o teatro, o canto coral, a biblioteca, dentre outros, bem como manter vivo o uso da língua alemã no cotidiano. O casal Faulhaber buscou aprender a língua portuguesa com o professor público Minoly Gomes de Amorim, enquanto ensinavam a este a língua alemã.

Nesse cenário, percebe-se Marie Faulhaber como uma das personagens femininas mais proeminentes da colônia, embora muitas vezes obscurecida pela sombra do seu marido – enquanto Hermann Faulhaber era uma personalidade pública, a atuação de Marie permaneceu restrita ao âmbito privado da colônia, embora exercesse forte influência sob a Colonizadora Meyer. Coube a ela, de fato, a administração direta da escola (*Stadtplatzschule*), de 1902 até 1932, quando de sua aposentadoria, não como professora remunerada, mas como “esposa do pastor/professor/diretor”. Ao longo dessas três décadas, Marie Faulhaber foi uma liderança na colônia e referência regional enquanto educadora, extrapolando o espaço formal e pedagógico da escola, atuando em várias frentes na comunidade, como agente capaz de intervir na vida social, fomentar consciência e criar opiniões. A “*Frau Direktor Faulhaber*”, como era referida e respeitada, veio jovem para a colônia, e dedicou a ela toda a sua vida e o seu amor”, pois “tudo estava por fazer”.³² Por exemplo, era de sua responsabilidade a biblioteca da colônia, transformada em 1927 em Sociedade de Leitura Faulhaber; era regente de coral; foi uma das fundadoras em 1910 da *Frauenhilfe* (Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas – OASE), auxiliando através dela as pessoas necessitadas na colônia, como organizando a coleta de donativos a serem enviados via Cruz Vermelha para entidades assistencialistas da Alemanha; era especializada em primeiros socorros; enfim, era uma entre tantas mulheres imigrantes em meio ao *Urwald*/floresta, empenhada em construir, com os recursos disponíveis, uma vida melhor para si e os seus.

[Neu-Württemberg] praticamente só povoada por alemães. [...]. Elsenau [a sede], que já evoluiu para uma cidadezinha [...], é o povoado principal da colônia. Tudo faz lembrar a velha pátria nesta colônia: a fundação por Herrmann Meyer, chefe da grande editora de mapas de Leipzig, os moradores todos alemães, muitos diretamente imigrados da Alemanha, a vida e a maneira de ser na cidadezinha, em especial o fervor da vida associativa, que tem a sua flor mais preciosa numa grande cooperativa de agricultores, a autêntica vida escolar e eclesiástica. A colônia honra a velha pátria alemã, não só pelo nome Neu-Württemberg, mas, antes de mais nada, pelo espírito e o modo de ser genuinamente alemão das pessoas.³³

realizada nas primeiras décadas da colônia, foi incorporada nos discursos construídos *a posteriori* como uma tradição presente já no momento da fundação da colônia, transmitida de geração em geração.

³² Recorte. Jornal *Die Serra-Post*, 14/4/1939. MAHP.

³³ *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul 1824-1924*. São Leopoldo: Unisinos, 1999, p. 590; 592.

Situada na conjuntura do início do século XX, Marie Faulhaber caracteriza-se como uma mulher imigrante provisória, cujo estado de provisoriedade acabou por tornar-se permanente, vivendo então a nostalgia/*Heimweh* da terra natal, tentando reconstruir a sua nova *Heimat*, junto com os demais, na terra de destino – a colônia Neu-Württemberg. O imigrante oscila entre os polos provisório e definitivo, por se encontrar dividido entre essas duas representações contraditórias, pois “tudo acontece como se a imigração necessitasse, para poder se perpetuar e se reproduzir, ignorar a si mesma (ou fazer de conta que se ignora) e ser ignorada enquanto provisória e, ao mesmo tempo, não se confessar enquanto transplante definitivo”, para não quebrar a ilusão.³⁴ No caso específico, essa provisoriedade é reforçada pelo fato de fazer parte daquele grupo de profissionais contratados pela Colonizadora Meyer por tempo determinado, reforçando essa condição.³⁵

Assim, a trajetória migratória de Marie Faulhaber, observada em escala reduzida, principia com a utopia de “estar ao lado dos emigrantes alemães no exterior” e termina na nostalgia, ao perceber a impossibilidade do retorno. Ao ampliar o foco, observa-se que essa dicotomia utopia/nostalgia representa a trajetória da maioria dos e/i/migrantes alemães, que se estabeleceram em zonas de colonização, manifesta no privado e/ou nos espaços de sociabilidade, por meio de canções folclóricas, anedotas, dramatizações, gastronomia, cheiros e aromas, hábitos e costumes. “Enquanto fenômeno marcado pela memória, a nostalgia é reevocada em uma relação que se constrói no presente, a partir de uma gramática da recordação: sinto falta daquilo que lembro e sinto falta de uma realidade que permaneceu fluída na memória”.³⁶ Logo, o nostálgico nunca é um nativo, mas sim um desterrado que faz a mediação entre o local e o universal. Para Svetlana Boym, a nostalgia é

um desejo por um lar que não existe mais ou nunca existiu. Nostalgia é um sentimento de perda e deslocamento, mas é também uma fascinação com a própria fantasia. O amor nostálgico só pode sobreviver em um relacionamento à distância. A exposição dupla ou a sobreposição de duas imagens – da terra natal e da estrangeira, do passado e do presente, do sonho e da vida cotidiana – é uma boa imagem cinematográfica da nostalgia. No momento em que tentamos encaixá-las em uma única imagem, ela rompe o quadro ou queima a película.³⁷

³⁴ SAYAD, Abdelmalek. *A imigração*. São Paulo: Edusp, 1998, p. 45-46.

³⁵ No período em que trabalharam na colônia Neu-Württemberg, a família Faulhaber retornou para a Alemanha em 1908, ao expirar o seu contrato como pastor e professor. Porém, em 1909 voltaram para a colônia, quando Hermann Faulhaber assumiu a direção da *Colonizadora Meyer*. Em inícios de 1928, Marie Faulhaber realizou nova viagem para sua terra natal, permanecendo até o segundo semestre de 1929. Os filhos do casal - Maria Sofia, professora; Walter, engenheiro; e Gertrud – concluíram os seus estudos na Alemanha. A família se radicou em definitivo na colônia Neu-Württemberg, com exceção da filha Maria Sofia, que no final da década de 1930 retornou para a Alemanha.

³⁶ BENEDUZI, Luís Fernando. “Mais adiante, mais adiante, mais adiante fica a Argentina: nostalgia, gênero e identidade nos processos migratórios da Itália do século XXI. In. *Migrações, identidade e trabalho na contemporaneidade*. Criciúma, SC: Ediunesc; Blumenau: Edifurb, 2023, p. 16-38, p. 31.

³⁷ BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 10, n. 23, 2017. DOI: 10.15848/hh.v0i23.1236, p. 153. O termo nostalgia – “retorno” (*nóstos*) e “dor” (*álgos*) – foi cunhado pelo suíço Johannes Hofer, em 1688, ao defender sua tese de medicina, na qual

Ao acerrar-se do termo, Svetlana Boym identifica duas modalidades não estáticas da nostalgia: a restauradora e a reflexiva.

A nostalgia restauradora enfatiza o *nostos* (casa) e enceta uma reconstrução transhistórica da terra perdida. A nostalgia reflexiva se desenvolve com a *algia* (o próprio anseio) e posterga o retorno à casa – melancolicamente, ironicamente, desesperadamente [...]. A nostalgia restauradora não se percebe como nostalgia, mas antes como verdade e tradição. A nostalgia reflexiva reside na ambivalência do pertencimento e saudade humanos e não se desvia das contradições da modernidade. A nostalgia restauradora protege a verdade absoluta ao passo que a nostalgia reflexiva a coloca em dúvida.³⁸

Na modernidade, a nostalgia foi retirada da órbita da medicina, que a associava ao espaço/lugar – a casa dos pais ou da vila da infância –, remetendo-a ao espaço/tempo, ou seja, ao tempo em que havia conexão com a família ou com o local de origem, ao tempo da infância ou da juventude. Ao contrário do trauma, definido como “uma ferida aberta e uma dor que não passa, um ‘passado’ que insiste em não passar”, a nostalgia não carece de tratamento: não precisa ser trabalhada, reprimida ou sublimada, pois representa uma melancolia que, paradoxalmente, se sente com certo prazer – o *Heimweh*, em certa medida, faz parte da identidade do migrante.³⁹

A colônia Neu-Württemberg – uma colônia particular e étnica alemã –, na sua formação e colonização, recebeu imigrantes de línguas alemãs de diferentes regiões da Europa, que se somaram a teuto-brasileiros e nacionais. Pautado nessa multiplicidade linguística, onde diferentes dialetos alemães se misturavam à língua vernácula, a colônia pode ser descrita como um local translíngue, ou seja, uma fronteira de contato entre diferentes. Marie Faulhaber é de origem suaba, e na colônia, esse era o dialeto predominante. Porém, os seus escritos impressos estão redigidos no alemão padrão, o que não descarta a possibilidade que as encenações originais eram no dialeto. Considerando a questão da língua, essa produção literária faz parte da literatura em língua alemã no Rio Grande do Sul, bem como da produção literária de Baden-Württemberg, reunindo elementos da cultura europeia em contato e alteridade com o mundo lusófono brasileiro. No entrecruzamento cultural e linguístico, trata-se de uma produção não situada em

analisa sob as lentes racionais da medicina esse fenômeno afetivo como uma entidade mórbida. Seu estudo teve como mérito unificar uma multiplicidade de designações locais – o mal de *corazón*, na Espanha; o mal *du pays*, na França; o *Heimweh*, na Suíça e na Alemanha; a *taská*, na Rússia; o *lítost* entre os tchecos; a saudade, em Portugal –, apontando o caráter universal da nostalgia. (FREIXO, André de Lemos; ABREU, Marcelo Santos de; DA MATA, Sérgio. A nostalgia como problema metahistórico: uma introdução. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 10, n. 23, 2017. DOI: 10.15848/hh.v0i23.1226).

³⁸ BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. Op. cit. 159.

³⁹ ALMEIDA, Tiago Santos. Ontologia para historiadores: do trauma à nostalgia. *Varia História*, v. 38, n. 78, p. 933–969, set. 2022, p. 964.

termos nacionais, podendo, nos termos de Ette, ser um fractal da literatura euramericana.⁴⁰

Na colônia Neu-Württemberg, uma das atribuições do casal Faulhaber era oportunizar momentos de sociabilidade aos seus habitantes. No elenco das festividades populares e religiosas, o Natal foi transformado na festa popular [*Volksfest*] mais importante da colônia, mesclando apresentações religiosas e profanas – hinos natalinos, velhas canções alemãs, declamação de poesias, teatro, combinando elementos trazidos pelos imigrantes de diferentes regiões da Alemanha com aqueles já adaptados pelos migrantes das regiões de colonização antiga do estado. Observando esse trabalho cultural à distância, Herrmann Meyer ficou “impressionado como você [Faulhaber] sabe lidar com os colonos e dar-lhes fomento moral e exigir união e reavivar o seu espírito corporativo alemão em todas as festividades por você organizadas”.⁴¹

Abrem-se as cortinas: eis a nossa *Heimat*

No programa da festa de Natal de 1904 constavam cantos, poesias, e a apresentação da peça teatral “de autoria de Marie Faulhaber, *Eigen Land*, uma peça sobre a vida dos camponeses, em sete atos, com a participação de 18 personagens, incluindo famílias com seus filhos, um professor, prefeito, grupo de canto etc.”.⁴² Esse formato de festa manteve-se nos anos seguintes.

A tradicional festa do Natal foi este ano [1912] comemorada brilhantemente, nesta colônia. A Sociedade Alemã Escolar e o Club Dramático, no vasto salão do novo edifício do Hotel Heinrich, perante uma numerosíssima concorrência demonstrando desempenho ao seu programa, que contava de vários hinos, cantos escolares, monólogos e comédias. [...]. Essa linda festa de Natal, a festa alemã por excelência e que tão bem traduz o nobre caráter destes dedicados colaboradores do nosso adiantamento material e social, tão cheia de simplicidade e de poesia, todos os anos repetida no dia 25 de dezembro, é uma das mais eloquentes e expressivas que conhecemos.⁴³

A complexidade do espaço colonial e a tentativa de construir/ preservar uma identidade étnica no estrangeiro é o pilar central das peças de teatro escritas por Marie Faulhaber, nas três primeiras décadas do século XX. Algumas dessas peças foram impressas entre 1932 e 1935 em forma de pequenos livros, pela Livraria Serrana, de propriedade de Ulrich Löw, em Ijuí, Rio Grande do Sul. Os livretos poderiam ser adquiridos diretamente na Livraria Serrana ou em livrarias, ao preço de Rs. 1\$500. Não há

⁴⁰ ETTE, Ottmar. Em direção a uma poética do movimento. *Op. cit.*

⁴¹ Carta. Leipzig, 6/8/1904. Herrmann Meyer ao Pastor Hermann Faulhaber, colônia Neu-Württemberg. Pasta 2 – Cartas Herrmann Meyer a Hermann Faulhaber, Caixa 42, MAHP.

⁴² Relatório. Dezembro de 1904. Hermann Faulhaber a Herrmann Meyer. Livro Copiativo 11, MAHP.

⁴³ Recorte. Jornal *Cruz Alta*, janeiro/1913. *Álbum de recortes* de Minoly Gomes Amorim. MAHP.

maiores informações sobre a tiragem e a circulação desse material. Nos livretos impressos, constava como orientação na contrata tratar-se de peças destinadas a “escolas, sociedades, e recomendadas para pequenos palcos”. As demais peças, provavelmente manuscritas ou datilografadas, talvez se encontrem no acervo privado da família ou foram extraviadas.

A publicação das peças teatrais é composta por pelo menos sete volumes, impressos em língua alemã e letra gótica: Vol. 1 – *Ein schlechter Tausch* [Uma troca ruim]; Vol. 2 – a) *Aschenbrödel* [Gata borralheira], b) *Ein Weihnachtsmärchen* [Um conto de Natal]; Vol. 3 – *Fritz*; Vol. 4 – *Das verlorene Kind* [A criança perdida]; Vol. 5 – *Herrmann, ein deutschbrasilianischer Junge* [Herrmann, um garoto teuto-brasileiro]; Vol. 6 – a) *Ein Bubenstreich und seine Folgen* [A brincadeira de um garoto e suas consequências]; b) *Heulepeterle* (um conto de D. Wildermuth, adaptado por Paula Braunschweig); Vol. 7 – *Nur immer Paciencia* [Sempre somente paciência].⁴⁴ São peças curtas, com poucas páginas, e fazem parte do acervo de documentos da Colonizadora Meyer, sob a guarda do Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann Wegermann, de Panambi, Rio Grande do Sul, com exceção da peça *Nur immer Paciencia*, que está no acervo do Instituto Ibero-Americano (Ibero-Amerikanisches Institut, Preussischer Kulturbesitz), em Berlim, Alemanha.

Nas peças teatrais, o imaginário e o real se cruzam, se misturam. O tema central dos escritos de Marie Faulhaber era o cotidiano da colônia e seus colonos, como um espaço relacional entre imigrantes alemães, que sonhavam com sua *Heimat*, os teuto-brasileiros e os nacionais, empenhados no seu conjunto na construção de uma comunidade imaginada, permeada pela identidade étnica alemã e o sentimento de pertencimento à colônia Neu-Württemberg, e atravessada pela nostalgia. A autora reproduz o ideal de família da época e suas representações sociais e culturais: o pai, a mãe e os filhos, os vizinhos, o professor/pastor como conselheiros ou pessoas mais instruídas. Como cenários, predominam uma casa simples de um colono; a cozinha colonial, com poucos móveis rústicos, a roça e a mata Seu ideal de educação e didática pedagógica transparecem nas peças, seja como lição de moral do que pode ou não fazer, a criança/jovem situado ou vinculado à escola, bem como a importância da educação para as crianças. Por fim, suas narrativas oscilam entre a nostalgia da velha *Heimat* distante, como matriz cultural e

⁴⁴ FAULHABER, Marie. *Das verlorene Kind*. Schauspiel in 3 Aufzügen. v. 4. Ijuhy/RS: Livr. Serrana, Löw & Filhos Ltda., [1933]; FAULHABER, Marie. *Ein Bubenstreich und seine Folgen*. Schwank in 3 Akten. v. 6. Ijuhy/RS: Livr. Serrana, [1934]; FAULHABER, Marie. *Ein schlechter Tausch*. Schwank in 4 Akten. v. 1. Ijuhy/RS: Livr. Serrana, Löw & Filhos Ltda, [1932 e 1933]; FAULHABER, Marie. *Fritz*. Schauspiel in 4 Akten. v. 3. Ijuhy/RS: Livr. Serrana, Löw & Filhos Ltda, [1933]; FAULHABER, Marie. *Herrmann, ein deutschbrasilianischer Junge*. Schauspiel in 5 Aufzügen. v. 5. Ijuhy (Rio Grande do Sul): Livr. Serrana, Löw & Filhos Ltda., [1934?]; FAULHABER, Marie. *Nur immer Paciencia*. Lustspiel in 4 Aufzügen. v. 7. Ijuhy (Rio Grande do Sul): Livr. Serrana, [1934].

presente na memória, e a construção de uma nova *Heimat* em terras brasileiras, de matriz cultural híbrida.

Desenhado o panorama geral, cabe analisar o conteúdo específico da produção escrita autoral de Marie Faulhaber.⁴⁵ A peça *Das verlorene Kind* [A criança perdida], de 12 páginas, é composta por 3 atos e narra a história de Liese, uma menina de 7 anos, filha de colonos, que levada pela sua curiosidade e distração, se perdeu na floresta. Na obra sobressai a dualidade do mundo infantil de uma família de colonos na sua fase de instalação em seu lote colonial, a simplicidade de sua casa, mas já com meios de sobrevivência – chiqueiro, poteiro com uma vaca, fonte d'água e uma roça um pouco mais afastada. Liese, é representada como um adulto em miniatura, que tem suas responsabilidades no núcleo familiar, dentre elas, estava cuidar do bebê, lavar a louça, varrer a casa, cuidar do seu almoço e, após cumprir as tarefas, o dever de ler. No espaço público da colônia, frequentava a escola e, aos 7 anos, já sabia ler e era “uma das melhores alunas” da turma, segundo o professor.

Embora tenha suas responsabilidades, Liese cultivava seu lado infantil, movida pela curiosidade, a distração, pela exploração de novos espaços, simbolicamente atraída e conduzida pelo revoar de uma borboleta, afastando-se da sua responsabilidade, da sua casa e adentrando o mundo do desconhecido, representado pela floresta. Na descrição da floresta, figura o imaginário coletivo e comum dos contos de fadas: o lugar desconhecido habitado por fantasmas, perigoso, escuro, que desperta o medo e alimenta as fantasias. Para tanto, a autora lança mão do hóspede da floresta como o personagem do mau e os anjos da floresta como protetores do bem.

A narrativa está focada na organização de um dia comum de uma família, após o café da manhã: o pai e a mãe, que não tem nomes próprios, perguntam aos seus filhos, Liese (7 anos) e Hans (6 anos), quem iria cuidar da casa e do bebê naquele dia. Ambos responderam que não, que preferiam ir para a roça, trabalhar ao ar livre, onde “o tempo passa mais depressa”. Ao ser designada para ficar dentro de casa, Liese define seu dia como entediante. Cumpridas as tarefas, a menina foi atraída até a vidraça da janela e, através dela, acompanha o voo de uma borboleta e um colibri entre as flores do jardim, em plena liberdade, em um dia bonito. Nesse momento, movida pelo tédio e a ânsia de liberdade, desobedece às ordens da mãe e sai da casa. Encantada pelas cores da borboleta, passou a segui-la, adentrando a floresta, onde se perdeu. A borboleta, como a distração, a coloca em contato com os espíritos da floresta, quando é questionada pelo bem e o mau, levando-a a refletir sobre o seu ato de desobediência e as consequências.

⁴⁵ Tendo em vista a complexidade das peças, no espaço do presente estudo serão abordadas aquelas que mais se alinham ao tripé educação, socialização e identidade étnica.

No retorno da família para casa, ao final do dia de trabalho na roça, notam de imediato a ausência de Liese, tendo em vista o choro desesperado do bebê. Ao não a encontrar nas imediações da casa, o pai aciona a rede de vizinhança para saírem em busca da menina na floresta. Enquanto os homens enfrentam a floresta e seus perigos, a mãe permanece na casa, em oração. Já noite fechada, Liese é encontrada na floresta pelo pequeno grupo de homens e levada para casa, a salvo, reunindo novamente a família. No reencontro, a menina reconhece sua imprudência e pede desculpas.

Essa narrativa, muito próxima dos contos de fada, joga com a infância e os perigos que a cercam. Crianças cuidando de crianças enquanto os maiores estão envolvidos com o trabalho de derrubada da mata e preparo das roças; a floresta como um local de perigo e um obstáculo a ser vencido; o trabalho familiar dos colonos, inclusive das crianças, visto que todos têm uma função na propriedade; mas, que apesar da rudeza e das dificuldades dos colonos no seu cotidiano, não descuidavam da educação de seus filhos, que frequentavam a escola e tinham um tempo reservado para leitura.

Seguindo a mesma linha educativa ou de “lição de moral”, *Ein Bubenstreich und seine Folgen* [A brincadeira de um garoto e suas consequências], uma peça em três atos, aborda a história de dois meninos, amigos de escola, que saíram escondidos de seus pais para fumar charutos. Um deles passou muito mal depois, sendo necessário chamar o médico da colônia, o qual diagnosticou uma forte intoxicação de nicotina. Descoberto, o menino prometeu nunca mais fumar charutos. Novamente, a curiosidade como fio condutor e o desvio da conduta esperada das crianças da colônia.

A peça *Nur immer Paciencia* [Sempre somente paciência] é curta na sua aparência, mas na sua essência, resume a visão do imigrante alemão em relação ao Brasil. Em resumo, trata da chegada de uma jovem imigrante alemã, a pedido do seu irmão, que era solteiro e já residia na colônia. No decorrer da trama, ambos conhecem um casal de irmãos, também imigrantes, e se casam entre si. O fio condutor da narrativa é o termo “paciência”, como a primeira palavra que um imigrante deveria aprender e compreender no Brasil: não é mais a Alemanha, e as coisas funcionam com morosidade, quando funcionam, em especial a burocracia e as instâncias governamentais.

Já as peças *Herrmann, ein deutschbrasilianischer Junge* [Herrmann, um garoto teuto-brasileiro], em 5 atos, e *Ein schlechter Tausch* [Uma troca ruim], em 4 atos, são mais complexas e exploram questões relacionadas à identidade étnica e às dificuldades presentes no cotidiano de uma colônia em fase de formação. A obra *Herrmann, um rapaz teuto-brasileiro*, traça um comparativo entre a Alemanha e o Brasil, e as perspectivas de viver nesses dois países, sob a ótica do duplo pertencimento. Dentre os personagens, Fritz

representa o “importado da Europa”, um *Deutschländer*, um imigrante recente, enquanto os demais rapazes do grupo de amigos eram teuto-brasileiros, curiosos em relação à vida na Alemanha. Segundo Fritz, cada país tem a sua beleza singular: o Brasil, no seu olhar, era uma terra de liberdade, visto que na Alemanha precisavam de uma licença para caçar, enquanto na colônia, qualquer um, caçava. Conforme a narrativa, os rapazes “trouxeram várias aves abatidas, e só erraram uma caça porque um velho caboclo se atravessou na frente”, indício de que rapazes em idade escolar já manejavam armas de caça, seja como necessidade ou diversão.

O personagem Herrmann representa o teuto-brasileiro e o seu sonho: “tivesse a grande sorte de poder visitar a Alemanha, conhecer o grande Hitler e o III *Reich*. Quero ver a Alemanha pelo menos uma vez na vida, mas depois retornar para a minha *Heimat*, o Brasil”. Herrmann era um caso excepcional para a realidade da colônia: filho de colono, havia cursado as 8 classes oferecidas na escola comunitária local e não gostava da vida de colono. Seu sonho era continuar os seus estudos em um seminário para professores, o que ia contra as expectativas dos pais, visto que como filho mais velho, deveria tornar-se “um bom colono” e trabalhador como seu pai. Aliás, o seu pai não entedia o desapego do filho pela vida de colono, pois por todas as gerações, desde o seu avô, o maior desejo de cada um era ser colono, ter o próprio pedaço de terra, extrair o seu próprio pão. Então, não trocava a sua vida de colono por nenhuma outra, o entristecia ver que o seu filho mais velho não queria ser o que ele mais amava.

Entretanto, a família de colonos não tinha condições para continuar custeando os estudos de Hermann fora da colônia, uma vez que havia os filhos menores, que também precisavam estudar, para não crescer como “gado selvagem”. Ademais, o filho mais velho era mão de obra indispensável na propriedade para auxiliar o patriarca, tendo em vista as mudanças ocorridas nas relações de vizinhança, que passaram da cooperação entre os colonos para o individualismo. Aqui, Marie Faulhaber remete indiretamente à falência do sistema de vizinhança, base de organização comunitária da colônia até então. Conforme Martin Dreher, “o sistema da vizinhança, [era a] unidade formada por grupo de moradores da picada que se auxiliavam mutuamente na colheita, nas festividades e no luto, mas também em época de doença, quando era assumido inclusive o plantio da terra do vizinho doente. A partir desta organização, é possível entender o restante da organização da picada: ela é comunitária, cooperativa”.⁴⁶

Cotejando a realidade alemã e a brasileira, Marie Faulhaber imagina o futuro dos dois rapazes: Fritz retornaria à Alemanha, onde ia prosseguir os seus estudos, dispo-

⁴⁶ DREHER, Martin N. Os 180 anos da imigração alemã. In: ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio (orgs.). *História, cultura e memória: 180 anos de imigração alemã*. São Leopoldo: Oikos, 2005, p. 16.

dos recursos necessários para isso graças a uma herança que sua família recebera. Enquanto isso, Herrmann, então com 16 anos, dali a 5 ou 6 anos, estaria casado, com filhos e continuaria um pobre colono. A identidade étnica alemã unia os dois rapazes, mas a nacionalidade alemã/brasileira os distanciava: o retorno de Fritz para Alemanha seria definitivo, pois essa era a sua *Heimat*; já Herrmann pretendia fazer a sua formação profissional na Alemanha e depois, retornar ao Brasil e desempenhar suas atividades profissionais, pois essa era a sua *Heimat*.

Como desfecho da peça, a surpresa: um amigo de infância do pai e padrinho de Herrmann, que havia abandonado a colônia quando jovem e migrou para a cidade, onde enriqueceu, propôs-se a custear os estudos do afilhado na Alemanha, pois acreditava que era muito importante ele prosseguir os seus estudos e, futuramente, conduzir a (re)atualização do *Deutschtum* no Brasil. Decorrida longa negociação, a família se convenceu que a migração para o espaço urbano não representava, necessariamente, desligar-se da colônia e, acima de tudo, desejavam que Herrmann se tornasse “realmente um homem alemão, para a benção de nosso *Vaterland*, o Brasil”.

Em síntese, Marie Faulhaber revisita nessa obra um modelo de família de colonos excepcional normal ou o ideal desejado, porque mesmo se autodefinindo como “colonos pobres”, eram alfabetizados, assinavam jornal, retiravam livros de literatura na biblioteca da colônia, trabalhavam regularmente na roça, tinham orgulho de ser colonos e ter o seu próprio pedaço de terra. Discute ainda a construção de uma identidade teuto-brasileira na nova *Heimat* no Brasil, e o sonho do retorno dos imigrantes, cuja *Heimat* permanecia na Alemanha. Mesmo não-dito, nas entrelinhas sobressai o perfil da colônia Neu-Württemberg, com seu sistema de ensino exemplar e reconhecido localmente e na Alemanha, a possibilidade de auxílios para continuar os estudos e a situação de muitas famílias de imigrantes – inclusive ela própria – e descendentes, que na década de 1920/30 enviaram seus filhos para estudar na Alemanha, alguns retornando, outros não. Enfim, um lugar de cultura alemã, mantendo seus laços com a velha *Heimat* agora distante, mas empenhados em trabalhar em benefício da germanidade na nova *Heimat*, como teuto-brasileiros.

A peça *Uma troca ruim* [*Ein schlechter Tausch*] aborda múltiplas questões do cotidiano de uma família de colonos, cujo fio condutor é a divisão sexual do trabalho. A atualidade da peça reside na discussão sobre o que é trabalho e os papéis atribuídos ao masculino e feminino na execução dos trabalhos em uma propriedade rural. No contexto do início do século XX, pode ser lida como uma discussão feminista, ao questionar o “não trabalho” da mulher no cuidado da casa, dos filhos e dos afazeres no pátio (bovinos,

suínos, equinos, aves, horta, pomar) e reivindicar a igualdade de gênero no trabalho colonial. A educação como passaporte para a mobilidade espacial e social é um tema transversal da peça, uma vez que a mulher/mãe não desejava a vida de colono para seus filhos, incentivando-os a estudar.

O ponto de tensão inicial da peça é uma discussão do casal de colonos sobre o que é trabalho ou, mais precisamente, o que entendiam por trabalho. Para o homem/pai e os meninos, os afazeres na roça – derrubar mato, queimar, arar, plantar, capinar, colher – era trabalho, já os afazeres designados como domésticos, realizados pela mulher/mãe e as meninas era entendido como não-trabalho. Segundo a mulher/esposa, o marido “ultimamente só reclama, e não está satisfeito com nada; eu trabalho o dia todo, mas, para ele, nunca é o suficiente. Afinal, já temos o nosso tão desejado lote de terras, os filhos, todos juntos e com saúde”. Na opinião do homem/marido, o que ela chamava de trabalho, “para mim é coisa de preguiçoso, pois só pode dizer que trabalha aquele que com enxada na mão ou com arado vira a terra nos campos, de sol a sol”. Para solucionar o impasse, a família acordou em inverter as tarefas/trabalho da propriedade por um dia.

A narrativa que segue, entre cômica e desesperadora, traz à tona o desconhecimento e falta de habilidades masculina e feminina, em relação às atividades que lhe competiam. As crianças menores são representadas como depositárias do saber da observação, uma vez que circulam em ambas as esferas – “o pai faz assim”, “a mãe faz dessa forma”. A mulher/mãe e as meninas têm dificuldades em cangar os bois, lidar com o arado para arar a terra, e no momento do descanso, os bois fogem, levando-as a perder longo tempo para recapturá-los. O homem e os meninos se veem perdidos nos afazeres domésticos: tratar os animais e aves, lavar roupas no rio, fazer pão e assar no forno, fazer o almoço, remendar roupas. Aqui, além do “saber fazer”, sobressai o “onde estão as coisas”: o sabão, a farinha, a agulha, linha etc. Como resultado da tentativa, a água do rio carrega a melhor blusa da mãe, o pão não cresce e queima, a comida fica sem gosto e queimada, os remendos ficam desajustados etc. Em síntese, ao fim do dia, as partes concluem que foi uma “troca ruim”, e que ambos os trabalhos – masculino e feminino – requerem habilidades, saberes e fazeres, cada qual com a sua especificidade. Nesse quesito, passaram a respeitar o trabalho um do outro e o seu mérito. Além de explorar as relações de gênero e a desvalorização do trabalho doméstico, a autora aborda o trabalho infantil na propriedade colonial, na qual cada criança desde tenra idade já assumia uma tarefa dentro do núcleo produtivo familiar. A riqueza de detalhes da narrativa também descreve os espaços da propriedade rural e da casa do colono, representada com sua simplicidade e a presença de poucos móveis rústicos e utensílios.

Todavia, a narrativa construída por Marie Faulhaber extrapola o cotidiano de uma família de colonos e o seu universo colonial. A discussão abre para um debate sobre o pertencimento e a identidade étnica, travado com o caixeiro viajante e o seu chofer, que na época, era o sujeito que circulava pelas/conectava as diferentes colônias, levando as suas mercadorias e, simultaneamente, as notícias. Logo, foi esse sujeito que flagrou a “família de costumes esquisitos” no dia da inversão dos afazeres, travando o primeiro contato com a mulher na lida da roça. Naquele contexto, o caixeiro viajante e seu chofer representavam o *outro*, pois é significativo o esforço da mulher/mãe em tentar articular uma frase em português para se comunicar com eles, e a sua rápida reinserção no grupo étnico, quando responderam em alemão. Ainda, representavam o comércio e o capital, que vinham até a colônia oferecer os seus produtos, com o seu automóvel, ícone da modernidade e da sua ascensão social. Reforçava também a hospitalidade da casa do colono e o hábito de fazer um café no fim da tarde.

Nas discussões sobre o pertencimento étnico e a construção de uma identidade teuto-brasileira, chama atenção o diálogo travado entre os personagens caixeiro-viajante, um teuto-brasileiro, e o chofer, um recém-imigrado. O primeiro, considerava a terra brasileira “muito linda, a natureza tão bela e verdejante, eu sou um importante negociante, mas essa primavera me tocou verdadeiramente”. O segundo, por sua vez, concordava, pois “já vi muitas terras, mas tão bela como essa, é difícil de encontrar igual”. Lembravam que na *Heimat* do chofer deveria estar iniciando o inverno frio e com ele todos os tipos de necessidades. O caixeiro viajante aconselhou o chofer para que

deixe agora de lado os pensamentos de lá [da *Heimat*], e dá graças que conseguiu superar isso, e a bala não ter posto fim a sua vida jovem [referindo-se provavelmente a I Guerra Mundial]. Para você está aí aberto esse mundo belo, há para você todas as possibilidades. Hoje você é chofer, seu melhor amigo é engarrafador em Porto Alegre. Nunca é demais quem aprende a língua da terra. Erguer a cabeça e trabalhar com diligência, então tem um mundo de possibilidades aqui, [...] assim, você me agrada. Veja a vida de caixeiro viajante, também por vezes é extremamente difícil, sempre na estrada. Se for uma pessoa sozinha como eu, tudo bem, mas se tem família, e crianças, sempre precisa prover suas necessidades e está longe. Sempre andando por aí, antigamente com minha carroça a cavalo. [...]. Com o auto é outra coisa agora, imprimindo bem mais velocidade. Contudo, quando atolamos, precisamos de ajuda e de bois para desatolar, e quando chegamos a um lugar pequeno, de noite, onde não é possível encontrar gasolina, é uma dificuldade.

Para Fredrik Barth, a pertença étnica é, ao mesmo tempo, uma questão de origem bem como de identidade corrente. O grupo étnico seleciona, dentre suas características, aquelas que são relevantes para a sua identificação e diferenciação em relação ao *outro*. Logo, se um grupo conserva sua identidade quando os membros interagem com outros,

isso implica em critérios para determinar a pertença e os meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão.⁴⁷

Na construção de um discurso em prol na germanidade e de uma identidade étnica teuto-brasileira, as peças de teatro de Marie Faulhaber faziam essa ponte entre a *velha Heimat* Alemanha, que representava o passado, à qual se devia fidelidade, e a *nova Heimat* Brasil, como o presente e a possibilidade de um futuro de progresso para aqueles que “erguem a cabeça e trabalham”, onde era possível ser proprietário de um pedaço de terra e realizar-se como camponês/colono. Ao mesmo tempo, explora como tema a simplicidade e as dificuldades da vida do colono, o trabalho familiar, as peripécias das crianças, seus sonhos e expectativas em relação à nova e à velha *Heimat*, as relações interétnicas.

Como ponto central, perpassando todas as peças, estava a maior preocupação da autora, ou seja, a educação dos filhos dos colonos, disponibilizando uma escola de qualidade para isso, oferecendo além das séries iniciais, também as séries mais avançadas (de 5^a a 8^a série); bem como o sacrifício dos pais para manter seus filhos em uma escola comunitária, acreditando que assim teriam mais oportunidades para além da vida de colono. Nesse movimento constante de construção do “ser alemão”, preservação e difusão de uma cultura de origem, desempenhavam um papel essencial a escola, a igreja, as entidades associativas e o lar. Em todas elas, o cultivo da língua alemã/dialetos era o elemento mais precioso. Enfim, a colônia como um espaço em construção, uma mescla de utopia e realidade, uma nova *Heimat* teuto-brasileira, e o sonho do retorno como algo cada vez mais distante e improvável.

Considerações finais

Portanto, Marie Faulhaber caracteriza-se como uma e/i/migrante provisória, cujo estado de provisoriedade acabou por tornar-se definitivo. Vive então a nostalgia da terra natal e busca (re)construir na sua nova *Heimat*, um ambiente social, educacional e cultural no qual os e/imigrantes alemães e seus descendentes pudessem “ser” e “permanecer” alemães, por intermédio da preservação da língua materna, a (re)atualização dos seus hábitos e costumes, o acesso a espaços e momentos de sociabilidade, a disponibilidade de impressos e literatura alemã. Enquanto mulher, imigrante, “esposa do pastor”, mãe e educadora, ela fez da escrita literária sua arte e seu refúgio na colônia Neu-Württemberg.

⁴⁷ BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade: Grupos étnicos e suas fronteiras*. São Paulo: UNESP, 1998.

Marie Faulhaber é uma imigrante que escreve de seu lugar de educadora e intelectual, voltada ao trabalho escolar, religioso, social, cultural, usando a vida e o cotidiano dos colonos como pano de fundo para as suas narrativas, mesclando o tom nostálgico do mundo “de lá”/a sua *Heimat* com a construção de uma existência teuto-brasileira na colônia/a utopia dos e/i/migrantes, resguardando aos jovens a possibilidade de sonhar com o retorno à Alemanha. A verossimilhança e a arte de narrar são marcantes nas suas peças teatrais. As preocupações presentes nos seus escritos são aquelas alimentadas pelos e/i/migrantes, e não pelo colono teuto-brasileiro, para quem a Alemanha representava a terra de seus antepassados, distante no tempo e no espaço.

Embora invisibilizada no espaço público quando se tratava de discussões políticas, Marie Faulhaber ocupou um papel de liderança na organização e administração das escolas comunitárias da colônia, bem como esteve presente na organização de uma rede escolar regional. No seu trabalho em prol da preservação da germanidade na colônia, oportunizou momentos culturais e de sociabilidade, produzindo o próprio discurso a ser reatualizado, transformando assim Neu-Württemberg na colônia *mais alemã* da região, em que tudo lembrava a *velha Heimat*.⁴⁸

A produção escrita e publicada de Marie Faulhaber, ao que tudo indica, é uma pequena parcela do que escreveu ao longo da vida. Não há dados sobre a circulação, recepção e encenação das peças de teatro ao nível local e regional. Em relação às poesias, as pistas são mais frágeis. Sua produção literária mescla elementos da literatura clássica germânica, especialmente dos contos de fada, bem como traz influências da literatura de língua alemã produzida no Rio Grande do Sul. Logo, é fruto da sua leitura de mundo, situada no tempo e no espaço.

Na produção privada, Marie Faulhaber escreveu centenas de cartas, destinadas aos familiares e amigos, bem como cartas a instituições e autoridades diversas, das quais há cópias nos livros copiativos da Colonizadora Meyer. Enfim, esse é um pequeno fragmento da trajetória dessa imigrante alemã e educadora, que escolheu no Sul do Brasil como sua nova *Heimat*, sem perder as referências de sua velha *Heimat*, vivendo

Recebido em 13 de maio de 2024
Aceito em 25 de junho de 2024

⁴⁸ As poesias escritas por Marie Faulhaber não foram localizadas. Foi encontrada ainda a seguinte referência de um texto assinado: FAULHABER, Marie. Ein deutsches Kinderfest in südbrasilischem Urwald (in der Kolonie Neu-Württemberg). In. WEITBRECHT, K. (org.). *Jugendblätter*, 74 Jahrgang, 1928.